

## **A IRONIA COMO DESVELAMENTO DE SI E DO OUTRO:**

### ***Contos Infernais*, de José Martins Garcia**

Adriana Elisabete Bayer<sup>1</sup>

O espaço insular apresenta características que o distingue de quaisquer outras áreas geográficas. A restrita extensão territorial, contrapondo-se à amplidão marítima, denota, inicialmente, o isolamento a que estão subordinados os ilhéus. Ademais outros elementos se associam e interferem no aspecto ligado à mensurabilidade. Esses dizem respeito à geografia (relevo), ao ambiente (conjunto de condições materiais, sociais, culturais, econômicas, psicológicas e morais que definem o meio e envolvem os indivíduos) e à história (processo de formação que singulariza o espaço). De acordo com os fatores arrolados, as ilhas se assemelham por apresentar uma determinada extensão de terra, circunstanciada pelo mar, mas no restante se diferenciam, pois cada espaço insular apresenta condições que o individualiza.

Nesse sentido, entendo que a insularidade ultrapassa a circunscrição espacial, influencia sentimentos e, por conseguinte, incide na produção de diversas manifestações artísticas, dentre elas a literatura.

Em minha tese de doutorado, iniciada neste ano de 2008, sob orientação do professor Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil, intitulada, provisoriamente, “Açores e São Tomé e Príncipe: a presença da mitologia-ritualística em histórias narradas no século XXI, parto, portanto, da constatação da existência de uma literatura açoriana e santomense. Nesta comunicação me volto apenas para a literatura açoriana, mais especificamente, para a narrativa curta escrita por José Martins Garcia.

Antes, porém, aviso que entro em um território, digamos, arenoso, metaforicamente falando. É essa a sensação quando me reporto à existência da literatura açoriana, dado as controvérsias seja pelos intelectuais

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literaturas Luso-Africanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pesquisa: Açores e São Tomé e Príncipe: a presença da mitologia-ritualística em histórias narradas no século XXI. E-mail: adribayer@gmail.com

portugueses do Continente, seja pelos escritores e críticos insulares. Resgato, então, duas vozes. A primeira é a de Assis Brasil, na apresentação do livro intitulado **Escritos açorianos: a viagem de retorno - tópicos acerca da narrativa açoreana pós-25 de abril**:

*Narrativa açoriana*: a designação açoriana, aqui, refere-se a obras que possuam temática açoriana ou que sejam escritas por autores açorianos – sei que não é uma categorização nítida e incontestável, mas, creio, suficiente para os fins a que me proponho.<sup>2</sup>

A outra voz é a de José Martins Garcia, para quem a açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista *Insula*, em 1932) não está relacionada a peculiaridades regionais, nem a temas comumente abordados na literatura, tais como a solidão, o mar, a emigração. José Martins Garcia se mostra preocupado não, propriamente, em definir a literatura açoriana, mas com sua qualidade estética. Na obra **Para uma literatura açoriana** (1987), ele afirma que:

utilizar um conceito antropológico de cultura para provar a diferença entre os Açores e o Continente é admitir que um traço distintivo venha a justificar uma autonomia, quando, na realidade, são as diferenças culturais que formam um acréscimo que dão identidade, seja a uma literatura, seja a um povo.<sup>3</sup>

Isso posto, vamos a uma resumida biografia do autor. José Martins Garcia nasceu na Criação Velha, ilha do Pico, em 17 de fevereiro de 1941. Em 1965, chamado para cumprir serviço militar, segue para Guiné-Bissau, onde permaneceu durante três (3) anos. Essa experiência está literariamente expressa em *Lugar de Massacre* (1975) e indicada em outras produções textuais do autor. Trabalhou como professor em Paris, nos EUA, em Portugal e, por fim, na Universidade dos Açores, onde introduziu a disciplina de Literatura e Culturas Açorianas. Faleceu em Ponta Delgada, em 4 de novembro de 2002. Com relação à atividade literária, José Martins Garcia escreveu os mais diversos gêneros: romances, contos, poesia, drama, ensaios, etc. Na análise

---

<sup>2</sup> BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escritos açorianos: a viagem de retorno – tópicos acerca da narrativa açoreana pós-25 de abril**. Lisboa: Salamandra, 2003, p. 14.

<sup>3</sup> RIBEIRO, Lúcia Helena M. **A questão da identidade da terra: a idéia de permanência na obra *Contrabando Original*, de José Martins Garcia**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

do conjunto de sua obra, a crítica literária tem apontado a recorrência da dimensão satírica.

Trata-se, conforme Urbano Bettencourt,

da projeção de uma determinada visão do mundo e de um relacionamento distanciado e crítico em relação a ele e às suas normas e condutas, e que, em termos literários, se organiza com base em procedimentos lingüísticos e retóricos diversificados.

No texto literário, o emprego da sátira tem por objetivo corrigir certos vícios ou incapacidades do comportamento humano, ridicularizando-os, de maneira irônica. A ironia é um elemento retórico que propõe ao leitor jogo duplo, pois, simultaneamente, antevê dois lados de uma mesma realidade: expressa-se por contrários e significa uma forma de relação entre homem e mundo. Assim, o enigma, proposto pela ironia, cria uma tensão entre aquilo que é apresentado e o que quer ser dito. Esse jogo inicialmente pode levar o leitor 'ingênuo' a deduzir falsas pistas. A resolução para o problema interpretativo se alicerça na competência lingüística, tanto do enunciador textual de deixar clara a intencionalidade, ou seja, a proposição de um enigma, quanto do intérprete em reconhecer e decifrar a ambigüidade, valendo-se de dados intra e extratextuais.

Em *Contos infernais*<sup>4</sup> (1987), de José Martins Garcia, na abordagem de temas diversos, a ironia está presente em todas as narrativas. Assim, a violência, é assunto tratado na narrativa *O tonel*. Em primeira pessoa, o narrador (não-nomeado) relata um ato de extrema crueldade do qual foi testemunha, mas não participou efetivamente dos fatos.

Não se pode precisar a data quando ocorrem os eventos relatos, sabe-se, apenas, que é inverno e um vinhedo abandonado compõe o espaço: "Até o vento se esqueceu deste cenário parado, onde não se ouve um pássaro nem o mínimo sinal de humana faina" (p.93), diz o narrador. A desolação do lugar impregna o narrador e o homem sobre o qual ele fala:

---

<sup>4</sup> GARCIA, José Martins. **Contos infernais**. Ponta Delgada: A. J. Marinho Matos – Brumarte, CRL, 1987.

Sei que ele passou por muitas e injustas guerras, guerras em excesso, pois traz o rosto coberto de entrecruzadas cicatrizes, meio bigode grisalho (a outra metade, tê-la-á suprimido uma bala de viés), um braço a menos. Vem coxeando (mas isso pode dever-se unicamente ao solo pedregoso) e a arma que transporta em bandoleira... quão velha, santo Deus! Para mais, de cano arreventado, todo esgalhado como esses tubos que sofreram uma explosão num dos extremos!

O nome do indivíduo, assim como o seu próprio, o narrador não se recorda. Ressalta, porém, que o homem se tornou velho pela guerra, “talvez de fomes, talvez de febres, talvez de ódios” (p.93). Relacionando a descrição miserável do sujeito e do lugar, à declaração inicial do narrador, ao avisar: “Nada posso evitar porque sou ainda uma criança” (p.93), o leitor fica na expectativa de que algo de muito grave ocorrerá ao homem, devido suas condições físicas (desvalido, sem um braço, manco). O suspense aumenta com a repetição: “Nada posso evitar. Não passo duma criança” (p.94).

Então entra em cena ela, a mulher: “de ancas largas e seios pontiguados” (p.94). Aquele homem descrito como desprotegido, arrasta a mulher para dentro do tonel e a violenta diante do olhar do narrador ainda menino: “Um grito. E logo uma sucessão de uivos. Um animal debate-se com a morte” (p.94). Na guerra, os indivíduos parecem não ter idade. Todos se nivelam pela posição que ocupam dentro do conflito bélico. Os vitimados, por exemplo, se igualam na luta pela vida, diferenciam-se, muitas vezes, pelas condições físicas.

Dessa forma, entre curiosidade e pavor, o menino que se fez homem perante circunstâncias desenhadas pelo sofrimento, espreita o tonel quando o agressor dele se afasta. A cena que se mostra deixa-o traumatizado: “Dentro, para o meu horror, restava uma perna da mulher, nua, ensangüentada, separada do tronco por uma cutilada de magarefe” (p.95). Não havia, portanto, mais nada a fazer a fim de salvar a vida da mulher.

O jogo irônico, pois, se desvela em dois níveis: na peripécia narrativa e no presente-passado do narrador. As pistas propagadas pelo narrador no início da história induzem o leitor a acreditar que, por meio do testemunho, serão narrados os infortúnios de um homem vítima dos conflitos bélicos. No entanto,

de paciente das atrocidades cometidas, o indivíduo se transforma em agente. Na verdade, ele nada mais é do que um reprodutor da violência.

Percebe-se que o tempo da narração não coincide com o tempo dos acontecimentos relatados, pois o narrador lembra os fatos ocorridos, indagando: “Onde estão meus dias de infância?”. O sentimento de culpa acompanha-o. Agora o enigma da ironia se instala entre o narrador consigo mesmo. É preciso reelaborar a experiência por meio da linguagem para compreender e aceitar sua impotência diante perversão.

Na confusão mental em que o narrador se encontra no presente da narração, ele admite ser incapaz de evitar o ato hediondo e de punir o algoz (pois ainda era criança), e de gritar por socorro. Porém, ao longo da narrativa, o narrador reconhece ter conseguido denunciar o homem em voz alta:

E ouço-me finalmente gritar por socorro: um grito arrancado ao meu pavor e à minha revolta, um grito capaz de caminhar na fúria do vento até onde alguém me entenda o desespero e venha pôr fim aos uivos agônicos daquela mulher, dela (p.95).

Entre certezas e dúvidas do narrador, resta a impossibilidade de reconstituir a reação dele diante dos fatos. Logo, não se sabe se ele realmente era uma criança (como afirma várias vezes), se gritou por socorro. Dessa forma, são questionados os eventos protagonizados pelo homem-agressor, embora narrados de maneira convincente. Eis a ironia: os traumas causados por atos violentos desautorizam as vozes das testemunhas. Quem viu, ouviu, sentiu já não pode declarar, mesmo que sua memória, como a do narrador, ainda esteja impregnada pela visão de um corpo esquartejado e do odor do tonel, que ressentia a um “cheiro de sarro bolorento, característico das vasilhas há muitos anos sem uso” (p.95).

### Referências Bibliográficas

BETTENCOURT, Urbano. **José Martins Garcia** – Signo Atlântico. In SAAL, Suplemento Açoriano de Artes e Letras, Ano IV, nº 2, Abr 2003. Ponta Delgada, 2003.

BRASIL, Luiz Antonio de Assis. **Escritos açorianos: a viagem de retorno – tópicos acerca da narrativa açoreana pós-25 de abril**. Lisboa: Salamandra, 2003, p. 14.

GARCIA, José Martins. O tonel. In: \_\_\_\_\_. **Contos infernais**. Ponta Delgada: A. J. Marinho Matos – Brumarte, CRL, 1987.

RIBEIRO, Lúcia Helena M. **A questão da identidade da terra: a idéia de permanência na obra *Contrabando Original*, de José Martins Garcia**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.